

## ***As naus: o lugar de ancoragem do outro na formação identitária da pátria portuguesa***

**Karen Eloá de Assumpção Pereira<sup>1</sup>**

**Resumo:** António Lobo Antunes se destaca como uma das vozes mais significativas da literatura produzida em Portugal no período pós-revolução. Em seu romance *As Naus* (1988), faz uma releitura da história das conquistas ultramarinas de Portugal – seus mitos, glórias e infortúnios. O romance, numa perspectiva atemporal, paródica e dessacralizante, traz, para o século XX, figuras emblemáticas do passado que construíram a História de Portugal, tais como: Pedro Álvares Cabral, Diogo Cão, Luís de Camões, D. Sebastião, Vasco da Gama, entre outros. Com um tom irônico, a narrativa faz uma reflexão sobre a identidade portuguesa, fundamentada num passado glorioso que já não mais existe, a não ser na memória de um povo que vive da imaginação de uma época remota. É essa matéria identitária de Portugal que será objeto do nosso estudo. Propomo-nos, no artigo ora apresentado, a discorrer sobre algumas das estratégias discursivas utilizadas na narrativa de Lobo Antunes a partir da fundamentação teórica de Ângela Beatriz Faria, Maria Alzira Seixo, Zilá Bernd e outros que se fizerem necessários durante a análise da obra. Situando *As Naus* a partir de uma realidade pós-moderna, utilizaremos como paradigma norteador da nossa pesquisa o âmbito dos estudos culturais, e para tanto citaremos nomes como Homi Bhabha, Linda Hutcheon e Stuart Hall.

**Palavras-chave:** Cultura. Identidade. Literatura. Pós-modernidade.

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras, Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc). Bolsista da CAPES/2011-2012.

## The ships: the place of anchor of other in the portuguese identity formation

**Abstract:** António Lobo Antunes stands out as one of the most important literature author in Portugal in the post revolution period. In his novel *As Naus* (1988) the author constructs a historic review about Portugal overseas conquests approaching their myths, glories and misfortunes. In a timeless and parodical perspective Antunes brings from the past to the XX century emblematic characters which constructed Portugal history such as: Pedro Álvares Cabral, Diogo Cão, Luís de Camões, D. Sebastião, Vasco da Gama and others. The author uses an ironic writing to tell a narrative that explores a reflection about the portuguese identity based on a glorious past that exists no more unless in a colective memory of the people that still lives in the past age. This way the main purpose of this text is writing a reflection about some discursive strategies used by Lobo Antunes based on Ângela Beatriz Faria, Maria Alzira Seixo and Zilá Bernd theories. Once *As Naus* be stated in a post modernity reality it's necessary to use the cultural studies as paradigma to direct the investigation based on Homi Bhabha, Linda Hutcheon and Stuart Hall.

**Keywords:** Culture. Identity. Literature. Postmodernism.

### Introdução

As frágeis promessas de esperança e prosperidade, com as propostas de unidade entre as nações propagadas a partir da fundação da ONU (Organização das Nações Unidas), após a Segunda Grande Guerra, serviram de alento para a condição desoladora em que se encon-

trava o mundo, conforme nos informam os escritores portugueses João de Melo e Joaquim Vieira (1988). Nesse contexto, os sentimentos nacionalistas se exacerbaram e muitos países da Europa deixaram-se levar pelos ideais utópicos de reconstrução de impérios já extintos, como foi o caso de Portugal, que passou a explorar ainda mais violentamente as ocupações coloniais a partir de 1945.

Os ricos territórios coloniais africanos, tomamos Angola como exemplo, foram sendo invadidos por um número cada vez maior de portugueses que projetavam neles a possibilidade de enriquecer rapidamente. Entretanto, as aspirações nacionalistas fomentadas pelo momento pós-guerra também impulsionaram o sentido - e o sentimento - de luta pela libertação dos povos africanos, o que resultou em diversos conflitos pela descolonização dos territórios ultramarinos.

Os diálogos, estabelecidos a partir da emigração em massa de portugueses visando à expansão colonial portuguesa, e do enfrentamento resultante da resistência de muitos dos territórios colonizados, ressignificam a ideia de pertencimento e de trânsitos culturais. Nessa perspectiva, Boaventura de Souza Santos (1993) situa Portugal como uma cultura de fronteira, o que vale dizer como uma cultura não pertencente à Europa, mas situada entre a África e o Brasil. Daí a importância de investigar o modo como o texto literário se situa em um contexto sociopolítico, numa aproximação pluridimensional da atitude hermenêutica, uma vez que lidamos com uma obra originária de uma nação que traz heranças culturais diversas. Os entrecruzamentos ocasionados pelos diálogos entre as trajetórias históricas e sociais de Portugal e de um país como

Angola<sup>2</sup>, levam-nos a perceber a relevância de se considerar o modo como se operam as imbricações existentes entre ambos os países na elaboração da trama literária de *As Naus*, romance de António Lobo Antunes.

O desejo peculiar dos portugueses de se aventurarem para mundos desconhecidos além-mar, faz com que lancemos uma “mirada cultural estrábica” (SOUZA, 2002) ao estudarmos sua geografia literária. Assim, olhando para várias direções, aportamos em Angola, um dos refúgios onde repousa a cultura lusitana, já descentrada, desconstruída, resultado de uma condição rizomática. Esse direcionamento de foco nos traz a medida adequada para o entendimento de uma obra literária como *As Naus*, cujo discurso enunciador emerge da paisagem de ruínas do Império Português e nos leva a ouvir as vozes silenciadas dos “retornados”, daqueles que, partilhando já de uma identificação com a nação angolana, voltam para um lugar que não sentem mais como seu.

É neste contexto que, a partir da década de 1960, após vários séculos de glórias e riquezas alcançadas através da expansão marítima, o sistema político de Portugal passa a dar sinais de esgotamento. Do período que se estendeu de 1926 até 1974, em que o salazarismo<sup>3</sup> passou a exercer a liderança no país, a nação portuguesa ficou estagnada economicamente e isolada do processo de desenvolvimento cultural, comercial e industrial em que viviam os outros países da Europa, culminando num atraso que marcou profundamente a sua história.

---

<sup>2</sup> A escolha por Angola entre os outros países da África colonizados por Portugal explica-se pelo destaque que lhe é dado na narrativa que aqui nos colocamos a analisar.

<sup>3</sup> Assim conhecido o regime de governo ditatorial liderado por António de Oliveira Salazar.

Aproveitando esse momento de fragilidade do regime político-econômico português, acirra-se um movimento de luta por libertação dos territórios africanos ultramarinos (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe). Segundo nos informa José Hermano Saraiva:

Em 1961 eclodiram em Angola movimentos de guerrilha. Nos anos seguintes aconteceu o mesmo na Guiné e em Moçambique. [...] No período que se seguiu consumaram-se decisões e opções que implicam necessariamente modificações irreversíveis no processo histórico português (SARAIVA, 1998, p. 365).

As repercussões dessa situação mostram-se evidentes tanto na dinâmica político-econômica como também na estrutura sociocultural de Portugal. Torna-se cada vez maior e mais explícito o sentimento de revolta ante o sistema de governo salazarista, que insiste em tentar subjugar os territórios africanos de língua portuguesa através de um violento período de confronto.

Resultado desta condição de opressão, desencadeia-se a Revolução dos Cravos em 25 de abril de 1974. Comandado por capitães do Exército, o evento consagrou-se como um dos mais importantes fatos da história portuguesa, marcando a atitude extrema de uma sociedade cansada da condição de atraso imposta pelo regime ditatorial salazarista.

Dentre os vários setores da sociedade lusitana que apoiaram a revolução, destacamos o setor artístico, mais precisamente o âmbito literário. Durante o governo de Salazar, os escritores foram extremamente perseguidos e tiveram muitas de suas composições

censuradas pela PIDE<sup>4</sup>. A produção artística não se constituía de maneira livre, estando condicionada a uma rigorosa e violenta fiscalização.

Com a queda da ditadura, o desejo de liberdade de expressão torna-se evidente. Chega o momento de ouvir a voz silenciada pela política repressora salazarista. A partir daí os escritores começam a imprimir em suas obras um tom crítico e reflexivo sobre essa transformação social, política e cultural. A história de Portugal passa a ser um tema recorrente em produções artísticas que buscam romper com o passado e (re)elaborar a essência identitária do país, (re)interpretando os seus registros históricos à luz de novos paradigmas, e desempenhando assim uma relevante função na reelaboração da identidade nacional. Segundo as palavras de Maria Alzira Seixo (1986, p. 49), tais obras

se entrançaram com a revolução e a assumiram em modalidades várias ou com ela se confrontaram, eis o que inegável embora insensivelmente foi acontecendo na nossa narrativa de ficção.

A nova tendência molda determinadas composições portuguesas da segunda metade do século XX, momento definido por muitos teóricos como pós-modernidade (ou modernidade tardia) e que deixa marcas no discurso literário produzido em Portugal. Este se volta para o processo de transformações sociais sofridas pelo país após a derrota na Guerra Colonial, culminando no retorno dos portugueses que moravam em territórios africanos, tema específico de *As Naus*.

---

<sup>4</sup> Polícia política de Salazar.

Lobo Antunes narra a história dos “retornados”, os portugueses que deixaram a África após o processo de descolonização e que, diferentemente das viagens de retorno à nação portuguesa na época da expansão marítima imperial, voltaram à pátria despidos de glórias e grandiosidades. Os colonos portugueses do século XX retornaram do território africano despatriados, sem quaisquer perspectivas de vida e com uma identidade nacional completamente fragmentada:

Os escarros dos antropófagos do barbudo asso-  
biavam raivas e ordens no piso inferior, exacta-  
mente por baixo das nossas nucas deitadas, e a  
mulher disse Não pertença aqui num sussur-  
ro que provinha do interior da sua desilusão e  
da sua miséria, e repetiu baixinho Não pertença  
aqui na exacta voz da noiva do retrato. Um  
grande paquete claro aproximava-se do cais a  
ameaçar destruir Bissau com o gume da proa  
onde uma sereia esculpida, de bacia gigantes-  
ca, separava a espuma com a lã doirada do sexo:  
Não somos de parte alguma agora, respondeu o  
marido a designar o barco coroadado de flâmulas,  
de emblemas reais, do estandarte do almirante  
Afonso de Albuquerque no topo do mastro  
principal, custoso de distinguir sobre as corni-  
jas, os guindastes, as gruas e os repuxos de agu-  
lhas das palmeiras (ANTUNES, 1988, p. 56).

Na busca por uma redefinição identitária fragmen-  
tada por processos históricos de invasões, colonizações  
e despatriações, o discurso literário tem um papel fun-  
damental, conforme afirma Zilá Bernd, porque

se atribui a missão de articular o projeto nacional, de fazer emergir os mitos fundadores de uma comunidade e de recuperar sua memória coletiva, passa a exercer somente a função *sacralizante*, unificadora, tendendo ao MESMO, ao monologismo, ou seja, à construção de uma identidade do tipo etnocêntrico, que circunscreve a realidade a um único quadro de referência (1992, p. 17-18, grifos da autora).

Chega-se, assim, ao que pretendemos enfocar na narrativa de Lobo Antunes: a formação identitária de Portugal, dentro da perspectiva dos estudos culturais e da pós-modernidade, considerando as transformações advindas dos anos 1960, começo das lutas de independência na África portuguesa e até o seu final, nos anos 1970, que também representam o momento da queda do regime salazarista.

Utilizaremos, para empreender tal tarefa, conceitos operatórios como *identidade* (BHABHA, 2001; HALL, 2003), *pós-modernismo* (HARVEY, 1992; HUTCHEON, 1991), *metaficção historiográfica* (HUTCHEON, 1991), *paródia* (HUTCHEON, 1985) e outras consultas que se mostraram necessárias durante a tessitura desse texto.

### **A presença do outro como *locus* de enunciação**

Os treze anos de conflito armado que a nação portuguesa implementou em território africano, nas décadas de 1960 e 1970, marcaram profundamente a história desse povo, passando a ser também referencial temático de muitos escritores portugueses a partir dessa época. Sobre essa referida ocorrência, assim afirma Ângela Beatriz de C. Faria:



E, tal como nos outros países europeus, a guerra moldou, pois, a paisagem social, política e econômica do Portugal contemporâneo e veio a ser representada por uma geração literária da guerra colonial, capaz de assumir uma nova atitude moral, testemunhal e estética, mediatizada pela vitória do sujeito em relação ao tempo que vai entre o acontecido e o escrito (2002, p. 37).

Lobo Antunes faz parte dessa geração pós-guerra e pós-revolução que discute o passado imperial da nação portuguesa, já extinto, mas ainda mantido resguardado num imaginário nacional. O regime ditatorial salazarista buscou reforçar ainda mais tais amarras com o passado, recuperando-o, levando muitos portugueses a acreditar numa imagem de nação moldada pela tradição histórica. Esse passado recuperado não foi vivido, mas imaginado. Os fatos da história de Portugal foram retomados, no presente, pela imaginação e memória nacionais, portanto passíveis de restrições. Uma delas seria o desconhecimento do Outro, já que a nação portuguesa não é pensada em ampla escala, considerando as outras nações que participaram da construção da sua história sociocultural. A definição de nação fica, então, subjugada às limitações da comunidade que se propõe a imaginá-la, como afirma Benedict Anderson:

Imagina-se a nação *limitada* porque mesmo a maior delas, que agregue, digamos, um bilhão de habitantes, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações (2008, p. 33).

A narrativa antuniana busca descortinar essas glórias pretéritas imaginadas para a pátria lusitana, dessacralizando mitos e subvertendo o texto da história tida como oficial, colocando-nos diante de heróis nacionais ridicularizados, situados num presente caótico e degradante:

Acontecera-lhe de tudo na vida, desde descobrir a Índia e limpar, com as próprias mãos, as diarreias e os vômitos do meu irmão moribundo Paulo da Gama, a ajudar a entupir de rolhas de estearina o caixão do pai de um infeliz qualquer que viajava para o reyno num porão de navio a seguir à revolução de Lixboa, desde jogar a bisca com oficiais sem pulso no baralho, até, como agora, morar nesta vivenda do bairro económico da Madre de Deus, a Chelas, que o parlamento decidiu atribuir-me por unanimidade acompanhada de uma medalha e um diploma como paga pelos meus serviços à pátria, e onde o rei D. Manoel me vinha buscar aos domingos de manhã para passeios de automóvel ao Guincho (ANTUNES, 1988, p. 181).

Em *As Naus*<sup>5</sup>, a condição em que a pátria lusitana é enquadrada na atualidade já não corresponde à imagem de um tempo de riquezas e esplendores, que ficou para trás. Todo seu arcabouço mítico e histórico é deslocado de um panorama passadista e, para tanto, importantes personagens, provenientes da historiografia, são evocados e apresentados como figuras integrantes da massa descolonizada após a libertação do território africano. Acontece, pois, o que se configura em muitos

---

<sup>5</sup> Daqui em diante será designada pelas iniciais AN.

romances portugueses publicados entre as décadas de 1980 e 1990: eliminam-se as fronteiras entre história e ficção, entre passado e presente:

O senhor Francisco Xavier, que adquirira o hábito de colar à nuca uma auréola de santo decorada por lampadazinhas de várias cores que lhe forneciam o aspecto equívoco do anúncio de uma marca de pilhas, procurou impedir a saída dos documentos do navegador que as escolopendras e as traças haviam esfarelado dizimando continentes inteiros, uma dúzia de promontórios e a cordilheira dos Andes, com o argumento de que Diogo Cão não só lhe devia onze meses de diária como quebrara, na intempérie das suas bebedeiras, metade da mobília da sala de jantar e quase todos os vidros da cozinha, para além dos incontáveis enxergões que apodrecera, em sestras de moribundo antecipado, com a sua ácida urina de cavalo agónico (ANTUNES, 1988, p. 230).

Os referidos romances podem ser situados no que Linda Hutcheon (1991) vem denominar de *metaficção historiográfica*. Com esse termo, ela refere-se

àqueles romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente auto-reflexivos e mesmo assim, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos (HUTCHEON, 1991, p. 21).

Nessa perspectiva, o romance ora analisado se estabelece como uma metaficção historiográfica, determinando-se, por isso, como uma obra literária do pós-modernismo. A arte pós-moderna é compreendida por Linda Hutcheon como aquela que é

ao mesmo tempo, intensamente auto-reflexiva e paródica, e mesmo assim procura firmar-se naquilo que constitui um entrave para a reflexividade e a paródia: o mundo histórico (1991, p. 12).

E é por meio desse constante diálogo com os textos da história e da literatura de Portugal que *AN* possibilitam ao leitor um direcionamento para uma nova versão da formação do império português, percebendo-o através dos tons dados pela ironia e pela paródia. A intenção do autor em criticar o passado “rasurando” (para usar o termo de Hutcheon) o texto da história, subvertendo-o, criando a partir dele um novo texto, evidencia-se durante toda a narrativa, como nos confirma Ângela Beatriz Faria:

É importante observar como se processa, nos romances portugueses contemporâneos, o resgate do imaginário social, cultural, literário e histórico, através da intertextualidade, da interdiscursividade e do ato de ‘contornar’ *Os Lusíadas*. [...] *As Naus* revisitará, através de sua escrita inaugural, o naufrágio do Império (2002, p. 50).

Segundo David Harvey (1992), essa tendência das obras pós-modernas para os “entrelaçamentos intertextuais” foi amplamente influenciada pelo *desconstruccionismo* de Derrida. A partir desse movimento,

escritores que criam textos ou usam palavras o fazem com base em todos os outros textos e palavras com que depararam, e os leitores lidam com eles do mesmo jeito. A vida cultural é, pois, vista como uma série de textos em intersecção com outros textos, produzindo mais textos (HARVEY, 1992, p. 53).

Resultantes desse processo dialógico entre *AN*, os textos da literatura e os da história, inauguram-se novos discursos, novos modos de enunciação, novas maneiras de narrar a temática do nacional. Lobo Antunes usa múltiplas vozes enunciadoras como uma de suas técnicas para a elaboração de tal narrativa, e esses vários enunciadore são sujeitos descentrados, constituem-se na voz representativa daqueles colocados à margem da sociedade.

A busca por romper com o esquema tradicional de ter um único protagonista conduzindo a narrativa mostra a intenção do autor de criticar os padrões instituídos, não só no âmbito literário, como também no social e no político. Tal atitude evidencia quão profundas foram as marcas da opressão deixadas pela política ditatorial de Salazar na sociedade portuguesa.

Por isso Lobo Antunes anula qualquer possibilidade de hierarquia nos romances a partir dessa fase. Nenhum narrador se sobrepõe ao outro, todos têm igual importância, as histórias desenvolvidas são igualmente relevantes, desde a da prostituta até as dos grandes navegadores do passado, esses últimos colocados em condição de fracasso, desprovidos de qualquer poder. Surge o anti-herói, um ser frágil, marginalizado, dotado de uma identidade fragmentada, como mostra o trecho destacado a seguir, narrado por uma prostituta:

Há sempre inditosos dispostos a pagar para dormir com uma mulher mesmo assim velha como eu, patetas que me escoltam ao meu quarto trepando cinco andares sem elevador a agarrarem com a palma os saltos do coração moribundo, que dobram as calças pelo vinco, que juntam os sapatos debaixo da cadeira, que se sentam na cama, depois de me entregarem as notas [...] (ANTUNES, 1988, p. 195).

Personagens históricos também narram *AN*, mas esses são deslocados por Lobo Antunes do seu papel na história oficial de Portugal, para uma realidade marginal: os retornados. Pedro Álvares Cabral é colocado numa condição de quase mendicância, Diogo Cão é um bêbado enlouquecido, Vasco da Gama é um jogador viciado, entre outros exemplos. Mas, mesmo assim, ao contrário do que muitos afirmam, o pós-modernismo não anula a história; ela, por ser tomada como um texto, como uma criação humana, pode ser rasurada. Assim Hutcheon (1991, p. 34, grifo do autor) declara

que a história não existe a não ser como texto, o pós-modernismo não nega, estúpida e 'euforicamente', que o passado existiu, mas apenas afirma que agora, para nós, seu acesso está totalmente condicionado pela textualidade. Não podemos conhecer o passado a não ser por meio de seus textos: seus documentos, suas evidências, até seus relatos de testemunhas oculares são textos.

Nos trechos destacados a seguir, nota-se um texto que, profundamente irônico, parodia a história oficial

de Portugal e dessacraliza as figuras míticas que compõem o imaginário da nação lusitana. Usando tais estratégias, consegue não só criticar o fato de a identidade desse país ter permanecido por tanto tempo presa a elementos de um passado já tão distante e esquecido, como também mostrar que o que resta para os portugueses desse momento pós-revolução é um presente de infortúnios e um futuro sem quaisquer expectativas.

Os biólogos acabaram por partir sem o conde numa fragata que se esfumou do radar por alturas da Escócia, esfacelada num promontório perverso, no mesmo dia em que Vasco da Gama e o monarca, enganando os guarda-costas tumefactos de pistolas que os americanos alugavam ao mês, saíam sozinhos na direcção de Marvila conversando de descobertas e de deusas. Tinham envelhecido tanto que a gente da cidade, que os não reconhecia, seguia estupefacta aquele casal de anciões mascarados com as roupas bizarras de um carnaval acabado, de punhal de folha à cinta, mocassins bicudos de veludo, gibões de riscas e longas madeixas cheirando a orégão de copa, em que proliferavam parasitas de outros séculos. Os miúdos da Penha de França e do Beato rodeavam-nos de uma chufa de curiosidade divertida. As vendedeiras de hortaliça, espantadas, cristalizavam a meio o grito dos pregões (ANTUNES, 1988, p. 119).

-----  
O infante D. Henrique resumia-se a uma fábula virtuosa e heróica dos livros de História, que mostravam um príncipe de bigode de cantor romântico e chapéu de abas largas sentado na

extremidade de um promontório de escarpas e lançando às ondas, por desfastio, barquinhos de papel, e não sonhava vir a conhecer pessoalmente D. João II, que o professor da escola da Câmara, recortado contra a ardósia do quadro debaixo de uma cruz de latão, garantia ser um sujeito perverso que espetava navalhadas nos primos na odiosa brutalidade dos contínuos de liceu (ANTUNES, 1988, p. 213).

Pode-se notar que em *AN* o discurso da história, entre outros textos, é colocado como uma referência para ser parodiada. Essa paródia construída em tempos pós-modernos está longe de se definir de maneira simplista, como trazem os conceitos dos dicionários populares. Consoante a afirmação de Linda Hutcheon, a paródia não é

um fenômeno novo, mas pareceu-me que a sua ubiquidade em todas as artes deste século exige que reconsideremos tanto a sua natureza como a sua função (1985, p. 11).

Não cabe nesse artigo elencar detalhadamente os aspectos sobre a teoria da paródia pensados por Hutcheon (1985), pela extensão de tal conteúdo, mas vale destacar, para efeito da nossa análise, a questão da *inversão irônica*. Por meio de uma ironia mordaz, Lobo Antunes inverte, por exemplo, o sentido de *Os Lusíadas*, quando se propõe narrar a nação portuguesa através de uma viagem. Essa inversão acaba por gerar certo tom de comicidade por ridicularizar uma narrativa que foi sacralizada pela pátria lusitana.



Enquanto a epopeia de Camões, obra que se tornou um ícone da literatura portuguesa, descreve uma saída de Lisboa em busca de riquezas e de conquistas de novos territórios, *AN* apresentam uma viagem de retorno a Portugal, marcada pelo sentimento de fracasso, de perda, completamente despidada das glórias cantadas nos versos camonianos.

Era uma vez um homem de nome Luís a quem faltava a vista esquerda, que permaneceu no Cais de Alcântara três ou quatro semanas pelo menos, sentado em cima do caixão do pai, à espera que o resto da bagagem aportasse no navio seguinte. Dera aos estivadores, a um sargento português bêbedo e aos empregados da alfândega a escritura da casa e o dinheiro que trazia, vira-os içar o frigorífico, o fogão e o Chevrolet antigo, de motor delirante, para uma nau que aparelhava já, mas recusou separar-se da urna apesar das ordens de um major gorducho (Você nem sonhe que leva essa gaita consigo), um fêretro de pegas lavradas e crucifixo no tampo, arastado tombadilho fora perante o pasmo do comandante que se esqueceu do nócio e levantou a cabeça, tonta de cálculos, para olhá-lo, no momento em que o homem de nome Luís desaparecia no porão e encaixava o morto sob o beliche, como os restantes passageiros faziam aos cestos e às malas (ANTUNES, 1988, p. 19).

A paródia, segundo Hutcheon (1991), consiste na imitação de algo, mas uma imitação invertida, que usa um tom irônico e até cômico para subverter o objeto a ser parodiado. Lobo Antunes deixa evidente seu desejo

por alterar a história oficial de Portugal cantada por Camões, dando-lhe um tom jocoso, ridicularizante. Dessa forma, fica explícita, no decorrer de toda a narrativa, a crítica à cobiça e ao desejo desenfreado por poder, aspectos que, incentivados pela política colonizadora de Portugal, moldaram o sentido de nação que muitos portugueses passaram a incorporar.

Segundo Stuart Hall (2003, p. 51): “As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades” (grifo do autor). A nação portuguesa acumulou riquezas e poder durante muitos séculos através das conquistas ultramarinas e do processo de colonização e exploração das terras além mar. Mas, com o passar do tempo, o império construído por Portugal foi ruindo e a ideia de nação começou a perder o sentido. Por conseguinte, os portugueses perderam a referência nacional com a qual se identificavam.

A pátria lusitana descrita nos textos históricos passa a ser vista sob um olhar de desencanto e pessimismo face à realidade em que se encontra no período pós-revolução, marcado por uma grave crise econômica, política e social. Nesse contexto, a identidade nacional fragmenta-se e o sujeito sente-se despatriado. Sobre essa condição em que o homem da pós-modernidade se vê colocado, Hall assim afirma:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indi-

vídus sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia de que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um 'sentido de si' estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentramento do sujeito (2003, p. 9).

Os personagens da narrativa antuniana correspondem a essa realidade colocada por Stuart Hall, não se sentem sendo de Portugal, nem de Angola, nem se localizam em parte alguma. Tanto os personagens deslocados da história e parodiados em *AN*, quanto os personagens literários trazem consigo esse sentimento contraditório dos retornados, sujeitos que, por não serem de parte alguma, acabam por assumir uma universalidade, uma realidade mais global, despidos de qualquer ideia de identidade local:

A crueldade dos anos magoou-o como um castigo injusto e ao voltar-se para encarar a mulher, sugando das gengivas uma remota saudade de chá, indignou-se de novo ao verificar, espantado, a erosão sem cura que o tempo provocara nela também, avariando-lhe as pernas de um mármore de varizes, aumentando-lhe as pálpebras, dissolvendo a cintura, e admitiu com desgosto que Já não perencemos nem sequer a nós, este país comeu-nos as gorduras e a carne sem piedade nem proveito uma vez que se achavam tão pobres como haviam chegado (ANTUNES, 1988, p. 54).

---

Um ruivo grosso e tímido, gaguejando empenhos, acotovelou-me para se aproximar da secretária e

estávamos sozinhos e postos de banda numa cidade que conhecia sem conhecer e cheirava à carne doce dos javalis que os monteiros açulam no verão perseguindo-os pelas praças e travessas de Linda-a-Velha ou de Bucelas, enquanto homens de negócios holandeses e capitães dos mares de Malaca desapareciam nos táxis do aeroporto na direcção do centro da cidade e do fedor de vazante dos seus becos, e nós os três cá fora, no passeio, à torreira, à espera das mesinhas vindas de Angola como se as caravelas atravessassem as avenidas para nos depositarem aos pés um caixote bolorento de limos de baixios, amolecido pelas gengivas das ondas, destruído por correntes contraditórias e gumes de recife, barbudo de mexilhões e ostras oceânicas, com um resto de colchão e uma maçaneta dentro (ANTUNES, 1988, p. 17).

A matéria identitária da pátria lusitana é objeto de reflexão e crítica no discurso de AN. A identidade de Portugal não pode ser fixada no seu passado de glórias e riquezas, deve-se considerá-la como um aspecto dinâmico, constantemente modificada pelos processos de trocas culturais. Enfim, nenhuma identidade cultural pode ser elaborada isoladamente, o Outro faz parte dessa construção. É nesse viés que perpassa a discussão sobre *identificação* colocada por Lobo Antunes, no romance ora analisado.

Aliada a uma visão pós-moderna, que critica o eurocentrismo e, em contrapartida, dá voz aos segmentos sociais periféricos, a perspectiva dos estudos culturais busca focalizar esse olhar do colonizado. A identificação dos retornados já não é tão somente portuguesa, mas resultado de uma fusão com a imagem de si elabora-

da pelo outro (colonizado). Na construção dessa identidade portuguesa pós-moderna, resultante dos híbridos culturais estabelecidos pela colonização, a presença do Outro tem relevante papel.

De acordo com Homi Bhabha (1998, p. 76), a identificação “é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem”. Assim, para identificar-se como português, por exemplo, é necessário considerar a visão do Outro (colonizado) no processo de elaboração do que é ser esse “português”.

Nunca encalhei, no entanto, em homens tão amargos como nessa época de dor em que os paquetes volviam ao reyno repletos de gente desiludida e raivosa, com a bagagem de um pacotinho na mão e uma acidez sem cura no peito, humilhados pelos antigos escravos e pela prepotência emplumada dos antropófagos. Os colonos que não logravam partir para o Brasil ou a França assemelhavam-se a anjos que perderam as argúcias do voo e chinelavam solas terrestres nos bairros mais tristes da cidade, feitos de laideiras e sem destino, de pelourinhos barrocos e de escadinhas desorientadas, em que mesmo as varandas dos prédios, com os seus vasos vermelhos e a sua roupa no fio, se aparentavam a tra-seiras de subúrbio (ANTUNES, 1988, p. 200).

O trecho destacado anteriormente traz a voz narrativa de uma prostituta angolana que vai para Lisboa à procura do navegador Diogo Cão. O colono português retornado da África é descrito a partir da perspectiva de um sujeito descentrado, multiplamente marginalizado (mulher,

negra, prostituta). Nota-se que, após um longo período de dominação política e cultural, os colonizados ganham não só a independência, como também visibilidade.

No discurso literário antuniano, a política colonizadora e o projeto de expansão marítima, aspectos enformadores do passado identitário de Portugal, são severamente criticados. Os horrores impostos pela Guerra Colonial, uma das temáticas fundamentais abordadas em *AN*, são apresentados nessa narrativa sob uma nova perspectiva. Seu autor, a partir das vivências e conhecimentos adquiridos quando atuara como médico em Angola, denuncia a crueldade do exército português.

Os oficiais de tripas puídas debandaram do andar de baixo e tomaram o avião para a Europa. Batalhões completos, convulsos de amibas e lombrigas, com os furriéis a cabecearem de doença do sono logo após a charanga e a bandeira, alçavam-se para navios ferrugentos carregando as suas armas e os seus mortos. Guerrilheiros descalços, de camuflado, colares ao pescoço e bafo canibal de gato selvagem, passeavam-se nas escadinhas da cidade chacinando mulatos à baioneta (ANTUNES, 1988, p. 52).

Representando a ficção surgida no período pós-revolução, essa narrativa se propõe a reinterpretar o texto e os personagens da história oficial, subvertendo-os, utilizando para tal empreendimento a estratégia irônica da paródia. Distanciando-se de qualquer compromisso com uma Verdade cristalizada, o romance de Lobo Antunes assume verdades literárias, retratando, dessa maneira, os ideais de expectativa com o novo, com o porvir.

## Considerações finais

Esta análise não se propõe apresentar uma posição fechada e definitiva acerca do romance de Lobo Antunes, pois o estudo de uma obra literária não comporta a defesa de uma visão conclusiva, já que é no espaço da liberdade que se dá o efetivo exercício da leitura. O que aqui se pretendeu realizar foi apenas a sistematização de uma trajetória de pesquisa com algumas teorias aplicáveis à reflexão da narrativa em questão. Sendo uma expressão artística literária, *As Naus* mostrar-se-á sempre aberta a novas discussões sobre a história e, principalmente, sobre a identidade representativa da nação portuguesa. Convidando a uma reflexão sobre o contexto sociopolítico do Portugal da atualidade, o romance reflete uma situação de profunda crise, que precisa ser encarada a partir de um distanciamento crítico em relação a um sentimento saudosista e utópico de um tempo que não se configura mais como uma realidade do presente. Às reflexões sobre a condição da nação portuguesa no período pós-revolução, alia-se a possibilidade de se construir uma nova visão sobre a questão da identidade portuguesa forjada a partir do olhar do Outro. Enfim, a participação do colonizado na formação identitária da pátria lusitana.

## Referências

- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANTUNES, Antonio Lobo. **As naus**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.
- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- FARIA, Ângela Beatriz de Carvalho. Memória, linguagem e história na ficção portuguesa contemporânea. In: FERREIRA, Lúcia M. A. **Linguagem, identidade e memória social**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Uma teoria da paródia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.



MELO, João de; VIEIRA, Joaquim. **Os anos da guerra**. Lisboa: Dom Quixote, 1988. v. 1.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1993.

SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. 19. ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1998.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SEIXO, Maria Alzira. Escrever a terra. In: \_\_\_\_\_. **A palavra do romance**. Lisboa: Horizonte Universitário, 1986.

